



LÁGRIMAS NA CHUVA: OS RITUAIS FUNERÁRIOS DOS GUARANI NHANDÉVA

Jovane Gonçalves dos Santos¹

Eixo História e cultura: Religiosidades e identidades negras, indígenas e dos povos/populações tradicionais.

Palavras-chave: morte; rituais funerários; indígenas guarani.

INTRODUÇÃO

Os Guarani constituem a sociedade indígena mais numerosa do Brasil. Os dados demográficos apontam para o crescimento dessa etnia. Os dados etnográficos indicam para a perpetuação dessa cultura. No que se refere aos estudos sobre a morte e sobre os rituais funerários praticados por esses povos, as produções acadêmicas são exíguas. O presente trabalho é uma tímida tentativa de descrever e analisar os rituais dos Guarani *Nhandéva* em face do acontecimento da morte.

Os dados apresentados são produtos de minha pesquisa etnográfica realizada, de modo mais intenso, entre os anos de 2011 e 2012 período em que morei na comunidade *Tekohá Añetete* (em Diamante do Oeste – PR). De lá para cá tenho voltado a campo para coletar novos dados, acompanhar algum ritual ou mesmo, rever alguns amigos que construí ao longo desse tempo ficando, no máximo, pelo período de uma semana entre eles. Estive junto dos Guarani no falecimento de duas pessoas: Um senhor que tinha 85 anos e uma jovem de 22 anos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Mariza Peirano (2003) a definição de “ritual” em uma sociedade deve ser etnográfica, dada pelo nativo. Não cabe ao antropólogo tratar como ritual episódios que os nativos tratam como acontecimentos corriqueiros.

Segundo Peirano (2003) os rituais são momentos especiais para o grupo que o realiza, ali busca reafirmar valores e saberes e utiliza-se de comunicação simbólica.

Victor Turner (1974) nos ensina que a análise de um ritual dá ao observador um instrumental para compreender as cosmologias da sociedade estudada, revelam os valores mais profundos da constituição do grupo que o realiza. A observação atenta desses acontecimentos inscritos em torno da morte é, portanto, reveladora da visão de mundo dos indígenas Guarani.

¹ Mestre; IFPR *Campus* Avançado Barracão; jovane.santos@ifpr.edu.br



RESULTADOS

A morte altera o cotidiano de uma aldeia. Não apenas da família enlutada, mas de todos daquele lugar. Há uma pausa na vida da comunidade. Não se vai à roça, nem à caça, menos ainda ao campo de futebol. Os “parentes muito próximos” daquele que morreu, principalmente as mulheres, tendem a atravessar horas chorando copiosamente. As pessoas mais distantes tecem murmúrios e contam causos versando sobre mortes que já viram, semelhantes a essa que agora acompanham. Exceto os rivais declarados do defunto (se existem), todos os demais moradores tendem a presenciar o ritual do velório e do enterro. São rituais porque são assim percebidos pelos nativos.

De modo não menos ritualizado, os mais velhos, se não pertencem a família do falecido, comparecem ao velório e depois voltam às suas casas. Em volta do fogo a figura do ancião ou da anciã cresce e, em torno dela, avolumam-se as explicações para o viver e para o morrer; conversam com seus familiares, contam “causos” e mitos. Na ocasião, o tema gerador dessas narrativas é a vida, a morte, os mortos... Em momentos como esse a sociedade Guarani reafirma seus valores e garante a perpetuação dos seus saberes basilares. Os mitos não são contados para nada dizer.

Lá, perto do corpo morto, é lugar de choro, desespero, discursos inflamados, lamentos e reza. A volta do caixão, são os homens que discursam. Falam sobre aquele (a) que morreu contando passagens de sua vida. Enaltecem-no (a). Fazem votos que sua alma alcance o paraíso, sob o choro quase contínuo das mulheres enlutadas.

Abraços quase não há. Nunca vi dizerem coisas como: “não fique assim”, “tenha calma...”. Lá, de fato, o choro e o lamento são livres. Ninguém tenta contê-los. O momento para lastimar a morte é diante do corpo sem vida. Portanto, o desespero é também peça desse ritual. A medida em que choram e gritam é como se estivessem num momento de suspensão, ali estão autorizados a isso, e assim o será até cair a primeira chuva que haverá de tirar da terra o calor e a energia deixados pelo morto. Depois disso ele será “esquecido”, sobre ele farão silêncio. Nenhuma lágrima mais será derramada por quem se foi depois que a chuva lavar a terra.

Nessa comunidade, em geral, as famílias indígenas habitam duas casas simultaneamente: uma de madeira ou alvenaria construída pelo Estado, outra de materiais improvisados, construída pelos próprios Guarani. Na ocasião da morte de uma pessoa, a família abandona a primeira e desmancha a segunda. É uma forma de espantar dali a alma do morto. Morta, a pessoa já não é mais parente deles, com ela já não podem mais trocar, findou-se a reciprocidade, elemento fundamental para a manutenção da vida social.

A construção de uma nova moradia e a mudança de endereço representam, por sua vez, a construção de novas relações de troca. Edificar uma nova casa exigirá o envolvimento de pessoas que, às vezes, tinham pouco contato com aquela família. Mudar de endereço (alguns chegam a mudar-se de aldeia) mobilizará outros sujeitos a acolhê-los, visitá-los em casa, levar alimentos, sementes, materiais, presentes em geral. É, portanto,



na morte e nos rituais construídos em torno dela, que a vida Guarani se refaz.

REFERÊNCIAS

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.